

## GT23: As migrações e a perspectiva antropológica em contextos de mobilidades e imobilidades

Maria Catarina Chitolina Zanin, Gláucia Assis

Este GT, ativo nas Reuniões da ABA desde 2006, tem buscado refletir sobre os diferentes contextos das mobilidades, tanto nas dimensões históricas como contemporâneas, nacionais e internacionais. Nas últimas décadas, observa-se a mudança dos fluxos de mobilidade, com novas categorias jurídicas (migrante, refugiado, visto humanitário, solicitante de refúgio, asilado, entre outros) e nativas sendo atividades nos processos de trânsitos das fronteiras internas e internacionais. Pensando nos Estados (Estado-nação), mas também nas transnacionalidades e nas diferentes escalas de análise, propomos um GT que reflita acerca das possibilidades de diálogo entre essas dinâmicas e as perspectivas teórico-metodológicas da Antropologia. Com a pandemia mundial de Covid 19, observaram-se mudanças nas mobilidade e também nas imobilidades nacionais e internacionais, com fronteiras sendo fechadas por questões de segurança sanitária, o que gerou, e tem gerado, novas formas e mecanismos de vivência dos projetos migratórios e de mobilidade, em diferentes escalas. A proposta deste GT é agregar trabalhos que tenham como perspectiva refletir e analisar processos e políticas migratórias, considerando que raça, gênero, classe, geração, etnia, religiosidade e outros marcadores influenciam as vivências cotidianas dos sujeitos em mobilidade, bem como as formas de acolhida e de interações interculturais.

### **Habitar a cidade: as experiências dos migrantes venezuelanos em situação de rua e a utilização e resignificação dos espaços urbanos**

**Autoria:** Ayanara

Habitar a cidade, faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, categoria "PIBIC-CNPq", edição 2021-2022 da Universidade Federal de Roraima com a orientação da Professora Lilian Leite Chaves e desenvolvido pela aluna Ayanara Costa Monteiro. A iniciação do projeto desencadeou dado ao fluxo massivo de imigrantes venezuelanos para Roraima devido à crise política, econômica e humanitária pela qual passa a Venezuela, desde 2016. A grande maioria desse fluxo desloca-se para a capital Boa Vista em busca de auxílios relativos à documentação, trabalho, alimentação, abrigo e entre outros. Parte desse fluxo, mesmo que de forma provisória, acaba se inserindo na capital e vivendo em situação de rua. É possível observar, que a presença desse fluxo de migrantes venezuelanos dentro da cidade de Boa Vista, alteram a paisagem da cidade devido às suas ações nas ruas, ocupando espaços como terminais, praças, edifícios públicos e privados desativados, e demais espaços. O projeto, a partir da observação, da construção de cartografias do cotidiano e da escuta engajada, visa compreender como os migrantes venezuelanos utilizam e resignificam os espaços urbanos, mostrando as suas estratégias de sobrevivência e as suas reflexões sobre a cidade e a forma como se inserem nela. Com isso, é importante compreender como os migrantes venezuelanos utilizam e resignificam os espaços urbanos, por onde circulam e onde ocupam para se abrigarem ou pernoitar. Dentro das observações feitas pela bolsista e pela orientadora, percebemos e entendemos quais são as estratégias utilizadas pelos migrantes para se inserirem na cidade e suas formas práticas para sobreviverem dentro da cidade de Boa Vista. Além das observações feitas e com base nas discussões teóricas levantadas tanto pela bolsista quanto pela orientadora, mostraremos as reflexões dos migrantes desabrigados sobre as tentativas de alcançar os aspectos da casa nas ruas e nos demais espaços da cidade. O projeto está sendo executado através da observação dos migrantes em situação de rua nos espaços da Rodoviária de Boa Vista, nas principais avenidas que percorrem e são próximas à rodoviária como, por exemplo, Av. Venezuela, Av. Mário Homem de Melo e Av. Brigadeiro Eduardo Gomes. Por meio de conversas e entrevistas, com algumas

pessoas que se mostrarem dispostas a compartilhar sobre as suas vivências na cidade, sem a realização de um recorte de gênero e nem mesmo de faixa etária, o projeto tem como objetivo alcançar a heterogeneidade presente nas ruas e demais espaços urbanos.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

